

Tese à€œPovos da Europa Unidos contra a austeridadeâ•

Tese aprovada na VIII Conferência Nacional da UDP, reunida em Almada, 7 e 8 de dezembro de 2013. Ver também à€œD teses sobre a UDP e o Bloco no tempo das Tendênciasâ•.

1. As constituições europeias

do pós-Segunda Guerra Mundial, e mais tarde a portuguesa conquistada na sequência do 25 de Abril de 1974, consagraram em diferentes graus uma cidadania com direitos sociais e laborais. O forte movimento operário e a necessidade de o conter no contexto da Guerra Fria, a necessidade de mão-de-obra qualificada e diferenciada a nível tecnico e superior, a reconstrução europeia e o relançamento económico pelo desenvolvimento da produção e do consumo interno foram fatores geradores dos Estados Sociais europeus, um recuo das burguesias.

Â

2. O Estado Social, filho ente dessas lutas operárias, é a marca identitária da Europa Ocidental do pós-guerra. São as suas conquistas, direitos e garantias que continuam sob ameaça das políticas de austeridade promovidas por todos os governos da Europa, tendo em vista uma mudança do regime social e económico por todo o continente, agravando os ataques que marcaram a ascensão do neoliberalismo.

Â

3. A construção da União Europeia é um projeto do capital, não é neutro ideologicamente nem um espaço de conciliação de classes. A integração europeia pactuada entre a social-democracia e a direita nasceu contra os povos e quando, hoje, o capital impõe a austeridade como forma de recuperação da sua crise, faz-lo contra o Estado Social e o salário, fazendo em retaliação contra as conquistas dos trabalhadores, para destruir os regimes constitucionais e substitui-los por outros, em tudo mais recuados: nos direitos civis como na exploração capitalista como mais conservadores e opressores na dominação de classe.

Â

No imperialismo global, na atual crise do capitalismo, os direitos laborais e os estados sociais europeus tornaram-se alvos a abater. A guerra de classes quer rebaixar o fator trabalho e esmagar qualquer possibilidade dos trabalhadores virarem o jogo.

Â

4. A UDP sempre afirmou que o projeto da burguesia europeia era o de ataque ao modelo social europeu e o aumento da exploração. O Tratado de Lisboa é um dos expoentes dessa visão. Nele se delineiam todas as regras de contratação orçamental que legitimam a austeridade.

É ele que afirma um Banco Central Europeu nas mãos do capital financeiro e do diktat alemão, orientado apenas para a

estabilidade de preÃ§os e sem qualquer controlo democrÃ;tico. Ã‰o este tratado que afirma o direÃ³rio e a arquitetura de poder que nasce do centro da Europa e submete os povos do sul. Ã‰o ele que afirma veementemente a submissÃ£o da Europa Ã NATO. Foi um tratado de molde liberal e militarista que nunca enganou os povos. Por isso mesmo, as elites europeias fugiram ao sufrÃ;jio popular. Apenas cinco povos se pronunciaram sobre este tratado e desses, trÃ¢s rejeitaram-no. Em Portugal foi um governo do PS que impediu o referendo.

Â

5. Â O Tratado OrÃ§amental Ã© a agudizaÃ§Ã£o do caminho europeu da austeridade. Criado no pico da crise europeia, surgiu como afirmaÃ§Ã£o da subjugaÃ§Ã£o dos povos ao mundo da finanÃ§a. Novamente os cidadÃ³es foram impedidos de se pronunciarem. A burguesia criou regras de ouro para a acumulaÃ§Ã£o e para a destruiÃ§Ã£o do Estado Social europeu. A imposiÃ§Ã£o de regras sobre o dÃ©fice e sobre a dÃ-vida Ã© a consagraÃ§Ã£o de garrotes administrativos para alcançar avanÃ§os polÃ-ticos e ideolÃ³gicos. A narrativa da direita estÃ¡ jÃ¡ criada: as regras do Tratado OrÃ§amental sÃ£o as regras da manutenÃ§Ã£o do euro, e a ruÃ±a dos paÃ±es economicamente mais frÃ¡geis.

Â

6.Â A ComissÃ£o Europeia apresenta a EstratÃ©gia Europeia 2020 como â€œsaÃ-da para criseâ€. Sublinhe-se contudo que nÃ£o tirou consequÃªncias do falhanÃ§o do Pacto de Estabilidade e Crescimento e da EstratÃ©gia de Lisboa. Os trabalhadores e os povos saÃ-ram gravemente lesados dessas estratÃ©gias que sÃ£o a ruÃ±a dos salÃ¡rios, dos serviÃ§os pÃºblicos e propriedade pÃºblica: com claras consequÃªncias negativas na procura interna, no aumento da dÃ-vida pÃºblica e das desigualdades sociais e entre Estados-membros.

A via da desvalorizaÃ§Ã£o e da precarizaÃ§Ã£o do trabalho agravou o desemprego ao nÃ-vel da UE (26 milhÃ³es) sendo os jovens os mais atingidos. Ao mesmo tempo, o ataque do capital, na busca de novos mercados de acumulaÃ§Ã£o, tem-se ainda Ã© voraz perante os monopÃ³lios naturais e outros necessÃ¡rios a Estado social, como a saÃºde, educaÃ§Ã£o ou os sistemas pÃºblicos de seguranÃ§a social.

Esta guerra de classes une as burguesias europeias contra os povos da Europa. A precarizaÃ§Ã£o do trabalho Ã© instrumento do dumping social, tanto nos mini-jobs com salÃ¡rios a menos de 400 euros da Alemanha como nos correspondentes em Portugal (310 euros).

A EstratÃ©gia europeia 2020 constitui uma nÃ£o resposta, face aos Planos que cada paÃ±s Europeu estÃ¡ a adotar para o cumprimento ou nÃ£o do Pacto de Estabilidade e o agora Tratado OrÃ§amental, das polÃ-ticas ditas de flexiguranÃ§a e dos cÃ³digos de trabalho, pondo em causa o contrato social do pÃ³s-guerra, juntando ainda mais austeridade Ã austeridade e crise Ã crise.

7. Â A

profundidade da crise que é não apenas financeira mas também econômica, política e social. A tudo recorre o capital especulador para parasitar as economias e o saque financeiro contra os povos, ao mesmo tempo que aumenta a exploração sobre o trabalho. A desregulação financeira deu lugar à incerteza dos mercados e a crise rapidamente contaminou as economias reais. Segundo a OIT há 200 milhões de desempregados em 2012 e muitos milhões de trabalhadores estão na precariedade em todo o mundo.

Às crise colocou em evidência o facto de o império ter entrado em recomposição, assumindo-se o G2 (EUA e a China) com maior preponderância no domínio mundial. A China tornou-se o centro de recomposição do capitalismo e em conjunto com outros países asiáticos provocaram uma alteração no sistema produtivo mundial, pressionando os chamados «mercados de trabalho» da UE e dos EUA.

À

8. O projeto federador europeu, aprofundado em todos os tratados, é atualmente dirigido pelo ultra-nacionalismo alemão, que tem no Euro o seu novo Marco. O reforço dos mecanismos de controlo e de poder da União Europeia e do Banco Central Europeu, tal como todas as intenções federativas, têm como fim o reforço da centralização do poder em Berlim, ultimamente em desfavor de Paris. Onde não há igualdade entre povos soberanos, o imperialismo das potências avança. desenvolvimento mesmo desigual entre eles. O controlo central dos orçamentos dos estados nacionais é um mecanismo de subordinação, gerador de divisões.

À

9. Do ponto de vista popular, a UE não tem capacidade de resposta à crise, é parte do problema. A falta de legitimidade democrática é naturalmente o verso da Europa do capital: só tem que se acreditar perante a burguesia e nunca perante o povo. Uma construção contra os povos não pode ser democrática. É hoje o principal instrumento de destruição de regimes sociais.

À

A União Europeia enfrenta uma crise de legitimidade sem precedentes. Depois de se ter imposto de costas viradas aos povos, agora os povos ameaçam agora tirar a confiança da União Europeia. A construção europeia é a camisa-de-força da austeridade sobre os povos. O clima a que se assiste é o de velório do projeto europeu.

10. O triunfo do autoritarismo e a nova vaga conservadora têm provocado alterações significativas no mapa político-partidário da Europa. De forma geral pode-se afirmar que o centro tem-se movido para a direita. Os partidos liberais tradicionais, com forte enraizamento histórico nos países de capitalismo mais avançado do centro europeu, têm sofrido pesadas derrotas políticas - ficando mesmo de fora do Bundestag alemão pela primeira vez na história. A social-democracia pouco se distingue da direita tradicional. Se nas últimas duas décadas se redesenhou a cesta da terceira via blairista social-liberal, hoje reproduz obedientemente todos os ditames da política de austeridade onde se encontra no governo. Mesmo na França, onde o PS tem maioria absoluta e governa uma potência, Hollande,

exibido como o flop da social-democracia, estÃ¡ sob fogo dos seus parceiros de Ã¡rea polÃtica.

Ã§Ã A hegemonia polÃtica estÃ¡ num plano inclinado Ã direita. O panorama europeu dÃi-nos boa nota destas transformaÃ§Ãµes concretas, pois a dominaÃ§Ã£o de classe impÃue alteraÃ§Ãµes ideolÃ³gicas: os conservadores triunfam e os sociais-democratas definham no liberalismo. Mesmo o PS francÃºs faz notÃ³rias cedÃ³ncias ao conservadorismo. Os conservadores entrelaÃ§am-se com a direita mais reacionÃ¡ria entre a direita democrÃ¡tica e a extrema-direita, como na FranÃ§a e na ItÃ¡lia. A Onde isto nÃ£o acontece, como na FinlÃ¢ndia, o campo democrÃ¡tico une-se contra a direita mais fascista.

Ã§Ã A UniÃ£o Europeia nÃ£o podia ser indiferente a estas movimentaÃ§Ãµes ideolÃ³gicas. Ã‰ a onda conservadora e reacionÃ¡ria que esta a colocar em xeque a UE por se basear no nacionalismo. O debate do fecho de fronteiras Ã© apenas a sua expressÃ£o mais visÃ-vel. A Tal como dizia a UDP na sua VII conferÃªncia â€œquanto mais intensa Ã© a ofensiva para a destruiÃ§Ã£o dos direitos sociais, maiores sÃ£o os riscos que correm os direitos democrÃ¡ticosâ€•.

Â

11. A ausÃªncia de fortes movimentos de esquerda, os termos do debate polÃ-tico sÃ£o ganhos cada vez mais Ã direita. A recente vaga de extrema-direita na Europa jÃ¡ nÃ£o Ã© composta por grupos marginais. TÃ³m legitimidade eleitoral e um programa permeÃ¡vel Ã cultura de massas. Aspiram a ser partidos de poder. Por isso sÃ£o capazes de captar o voto popular e muitas vezes rouba-lo Ã esquerda. A SÃ£o movimentos identitÃ¡rios, com ultra-nacionalismo estreito e reacionÃ¡rio, tÃ³m um agitprop adaptado. A crise, contra a corrupÃ§Ã£o do sistema politico, os privilÃ©gios e a finanÃ§a, tÃ³m nos imigrantes e nas minorias Ã©tnicas e sexuais os seus bodes expiatÃ³rios. Quando hÃ¡ crise procuram-se culpados. Ou a esquerda Ã© eficaz a apontar os banqueiros e a alta finanÃ§a ou a extrema-direita encontrarÃ¡ os seus culpados.

12. O apelo Ã ordem Ã© convidativo em tempos de caos polÃ-tico, indefiniÃ§Ã£o e instabilidade social, a confusÃ£o entre o que estÃ¡ em crise: se o sistema capitalista ou o sistema democrÃ¡tico. A Ã‰ o espaÃ§o do voto antissistema, que confronta o poder com a sua falta de legitimidade popular. Temos de alertar: a pÃ³s-democracia que a extrema-direita reclama jÃ¡ tem aplicaÃ§Ã£o na Hungria onde vigora uma ditadura dissimulada.

Â

13. Para a esquerda construir barreiras ao ascenso de velhos fantasmas e capitalizar o descontentamento para o seu lado da barricada precisa de defender a democracia, ser intransigente no seu aprofundamento, reforÃ§ar a sua postura antissistÃ©mica, demonstrando claramente a raiz da crise capitalista. Ã‰ chegado o tempo das revoluÃ§Ãµes cidadÃ£es. As lutas sociais, dos sindicatos e outros movimentos sociais, sÃ£o a via certa. As lutas sociais podem ser trampolim para a recuperaÃ§Ã£o e crescimento dos partidos de esquerda na Europa. E as lutas sociais tÃ³m a densidade, a tradiÃ§Ã£o e a capacidade para o fazer ao longo de toda a zona euro e mesmo da UniÃ£o.

Â

14. A proposta

europeia de esquerda é a da refundação democrática da Europa. A exigência de uma Europa que não seja a fonte da austeridade é a da rejeição do Tratado de Lisboa e do Tratado Orçamental. Essa é a estratégia do Partido da Esquerda Europeia cujo reforço é vital para as alianças sociais alternativas no quadro europeu. A esquerda não se prenderá a uma política de melhorias de uma arquitetura europeia caduca. O objetivo é de tornar possível a verdadeira Europa dos Povos. A burguesia quis impor a Europa da austeridade e da Finanças; a esquerda afirma a Europa do progresso e dos direitos sociais.

À

15. É imperioso conjugar situações

tão diferentes a diversos níveis e com condições objetivas diferenciadas em cada um dos países, esta urgência tem de estar sempre presente no horizonte do sujeito político europeu, em aliança cidadã com os movimentos sociais e sindical. A complexidade da situação mundial e a crise econômica e social em que vivemos assim o exige.

Às A resposta deve desenvolver-se à altura da

ofensiva, isto é, em escala nacional e europeia. O caminho da luta mais geral europeia contra a austeritarismo e pelo modelo social europeu, tem que colocar na ordem do dia, a unidade e a convergência dos povos e dos trabalhadores e das trabalhadoras, contribuindo para uma alteração na relação de forças na Europa.

Às A esquerda europeia deve avançar como oposição e alternativa

nesta crise do sistema político-econômico. O caminho é o da transformação social numa aliança dos povos europeus contra austeridade. O caminho imediato é o da rejeição do Tratado Orçamental. A derrota do Tratado Orçamental é a derrota da orientação reacionária da troika. A troika é a cara da Europa atual.